Desenvolvimento da Escola; aumentando o desempenho da escola por meio do planejamento eficaz. 3ª ed. Brasília: FUNDESCOLA/DIPRO/FNDE/MEC, 2006. P. 8 a 20. Disponível em: <ftp://ftp.fnde.gov.br/web/fundescola/publicacoes_manuais_tecnicos/pde_escola.pdf>. Acesso em: 14 Jun 2020.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm> Acesso em: 10 Jun 2020.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 1996. Disponível em:<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm >. Acesso em: 10 Jun 2020.

CERVI, Rejane de Medeiros. Planejamento e avaliação educacional.[Livro eletronico]/ Curitiba: InterSaberes, 2013 p. 50-53.

CHIAVENATO, Idalberto. Administração dos novos tempos: os novos horizontes em administração. – 3.ed. – Barueri, SP: Manoele, 2014 p. 431 a 437.

_____. Administração de recursos humanos: fundamentos básicos. 7. ed. Barueri, SP: Manole, 2009. P. 264-271

GELATTI, Leticia Degrandi; MARQUEZAN, Lorena Inês Petrini. Contribuições da gestão escolar para a qualidade da educação. Revista Gest. Aval. Educ. Santa Maria, v.2 p.43-62. Disponível em <http://Users/mama8/Downloads/10825-51254-1-PB%20(1).pdf>. Acesso em: 02 Jun 2020.

GROCHOSKA, Marcia Andreia. Organização escolar: perspectivas e enfoques. -2.ed. rev – Curitiba: Intersaberes, 2013 p. 89-93.

HORA, Dinair Leal da. Gestão democrática na escola: Artes e ofícios da participação coletiva. Campinas, SP: Papirus, 1994 p. 45-51.

LUCK, Heloisa . Dimensões da gestão escolar e suas competências. Curitiba:

Positivo, 2009 p.23-24; 38-39.

PADILHA, Paulo Roberto. Planejamento dialógico: como construir o projeto político pedagógico da escola. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001. p.30-36

PEREIRA. Luciano, Santana. Entendendo o que é gestão de pessoas. São Paulo: Senac, 2017.

ROMERO, Sonia Mara Thater. Gestão de Pessoas: conceitos e estratégias. Curitiba: InterSaberes, 2013. p 15-27.

SANTADE, Susimara. O papel do gestor escolar na educação infantil. Presidente Prudente: Encontro de Ensino, 2013. Disponível em: <http:// http://unoeste.br/site/enepe/2013/suplementos/area/Humanarum/Educa%C3%A7%C3%A3o/O%20PAPEL%20DO%20GESTOR%20ESCOLAR%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INFANTIL.pdf> Acesso em: 17 Jun 2020.

TEIXEIRA, Juliane Marise Barbosa. RIBEIRO, Maria Tereza Ferrabule. Gestão de pessoas na administração pública: teorias e conceitos. Curitiba: Intersaberes, 2017 p.80-132

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento Projeto de Ensino Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico. 7ª Ed. São Paulo:Liberdade, 2000, 2001 p. 79-80

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E DOS CONTOS DE FADAS INSERIDOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA COMO BENEFICIO PARA A CRIANÇA

MARIA DILMA QUEIROZ CANDIDO

RESUMO

O presente artigo busca esboçar algumas considerações a respeito da importância da contação de histórias e dos contos de fadas e seu uso como prática pedagógica dentro do ambiente escolar, apontando para três pontos principais: O primeiro ponto mostra que as histórias eram contadas oralmente, de forma popular e permaneciam vivas graças à tradição do contar de geração para geração. Vale lembrar que do oriente antigo surgem às fábulas que tinham como intuito moldar a conduta das crianças. A partir daí surge Charles Perrault, francês considerado pioneiro dos contos de fadas, recontando histórias de forma mágica, e com vários tipos humanos. Depois vem os Irmãos Grimm com uma coletânea de contos, onde visavam preservar a cultura alemã em obras como Branca de neve, João e Maria, dentre outros; décadas depois surge Andersen, recontando e criando novas histórias como

O patinho feio e a Pequena sereia. É importante citar que no Brasil, a literatura infantil brasileira veio somente no fim do século XIX com as obras de Monteiro Lobato. O segundo ponto apresenta os benefícios dos contos para o desenvolvimento infantil. Observar-se que, contando ou mesmo lendo para uma criança proporcionam-se momentos de prazer e reflexão. A leitura é capaz de levar as pessoas a viajar na imaginação, passando a fazer parte de um mundo paralelo à sua realidade. Por traz da narrativa de uma história, possibilita-se trabalhar com o emocional da criança, ajudando-a a resolver situações e conflitos internos. A criança, ao ouvir uma história, tem a sua capacidade reflexiva e criativa estimulada, além de aumentar sua vontade de propagar as histórias e dar vida aos personagens. As histórias auxiliam no raciocínio, no aumento do vocabulário e na formação moral da criança. O terceiro e último ponto trata da importância da prática pedagógica voltada para a contação de histórias e contos de fadas como instrumento de aprendizagem. Nota - se que, devido às mudanças sociais, e a correria cada vez maior dos pais, as crianças são inseridas no ambiente escolar cada vez mais cedo, e muitas delas vêm ter contato com histórias e livros apenas no momento que são inseridas em sua vida escolar. Este estudo foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de enfatizar a importância dos contos de fadas e da cotação de história quando inserida na prática pedagógica do professor proporciona grande transformação e contribui para a formação da criança durante seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: contos de fadas; desenvolvimento infantil; benefícios.

ABSTRACT

The present article seeks to sketch some considerations about the importance of fairy tales and their use as pedagogical practice within the school environment, pointing to three main points: The first point shows that the stories were told orally, popularly and remained alive thanks to the tradition of counting from generation to generation. It is worth remembering that from the old orient emerge to the fables that had as intention to shape the conduct of the children. From there emerges Charles Perrault, a Frenchman considered a pioneer of fairy tales, recounting stories magically, and with various human types. Then comes the Brothers Grimm with a collection of short stories, where they aimed to preserve the German culture in works such as Snow White, John and Mary, among others; decades later Andersen appears, recounting and creating new stories like the ugly duckling and the Little Mermaid. It is important to mention that in Brazil, Brazilian children's literature came only at the end of the 19th century with the works of Monteiro Lobato. The second point presents the benefits of tales for child development. It should be noted that by counting or even reading to a child there are moments of pleasure and reflection. Reading is able to lead people to travel in the imagination, becoming part of a world parallel to their reality. Behind the narrative of a story, it is possible to work with the emotional child, helping them to solve situations and internal conflicts. The child, when listening to a story, has his reflexive and creative capacity stimulated, in addition to increasing his desire to propagate the stories and give life to the characters. The stories help in reasoning, in the increase of vocabulary, in the moral formation of the child. And the third and final point deals with the importance of pedagogical practice aimed at the counting of stories and fairy tales as a learning tool. It is noted that due to social changes, and the increasing rush of parents, children are inserted in the school environment earlier and earlier, and many of them come into contact with stories and books only at the time they are inserted in their life school. This study was carried out through a bibliographical research with the objective of emphasizing the importance of fairy tales when inserted in the pedagogical practice of the teacher provides great transformation and contributes to the formation of the child during its process of development and learning.

KEYWORDS: fairy tales; child development; benefits.

1 INTRODUÇÃO

Por mais que atualmente haja uma grande demanda tecnológica e tudo passou a ser mais visual e virtual, sabemos que as histórias e contos ainda tem grande valor, tanto na vida dos adultos como das crianças. Neste sentido, vê-se a necessidade do resgate de valores morais, afetivos e culturais, portanto, esse artigo tem como objetivo enfatizar a importância da contação de histórias e dos contos de fadas

dentro de uma prática pedagógica que vise uma perspectiva formativa tendo como base os benefícios destes momentos para a criança e sua infância.

Para Bruno Bettelheim, em seu livro, A Psicanálise dos Contos de Fadas, através dos contos de fadas, a criança pode desenvolver conteúdos inconscientes que muitas vezes não são compreendidos por meio da linguagem. Numa busca de ilustrar a respeito da contação de histórias e dos contos de fadas, nota-se, quão longínqua data esta faz parte de nossas vidas, neste sentido, o presente trabalho desenvolve o tema procurando, a todo o momento, mostrar qual é o seu agir no universo infantil, a importância que tem no tocante aos usos e costumes passados hereditariamente como uma tradição que serve de inspiração para autores da atualidade, seja criando novas histórias, seja reescrevendo versões.

Não só no que se refere ao universo afetivo infantil, é possível observar, no decorrer do texto, a preocupação em mostrar qual é o papel da escola neste universo da contação de histórias e contos de fadas, do fazer surgir o prazer por ela e quais seus benefícios.

2 A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA - O INÍCIO

A contação de histórias, ou seja, a forma oral de narração e expressão de cultura e valores é algo que vem de primórdios da humanidade. Elas foram passando de cultura em cultura, iniciando nas paredes, pedras, cavernas, e finalmente no papel.

No início, as histórias não eram escritas, mas sim, narradas oralmente de forma popular. Sobreviviam de geração para geração, por meio da habilidade narrativa e da memória de seus contadores.

Segundo PARREIRA (2010, p.75), "o que conhecemos hoje são os registros das histórias que foram recolhidas, escritas e publicadas". Conhecidas de períodos remotos, as fábulas, gênero narrativo, surgiram no Oriente, com a finalidade moralista, tendo como maior função educar e moldar a conduta das crianças conforme o objetivo dos adultos. Gênero esse que foi particularmente desenvolvido por Esopo, escravo que viveu no século V A.C., na Grécia.

Sobre as histórias:

Ser contadas ou lidas: é esse o destino de toda história. (...) ao narrar falamos de coisas ordinárias e extraordinárias e até repletas de mistérios, que vão sendo relatadas ou remodeladas no ato da escuta ou na suposta solidão da leitura. (PRADO E SOLIGO, 2007, p.48).

Como lembra a autora Zilberman (1982) apenas no final do século XVII que começaram a produzir livros para as crianças, antes disto, conforme a autora, não existia a "infância".

No século XVIII, um dos autores considerados pioneiros dos contos de fadas, o francês, Charles Perrault recontou histórias de forma mágica, e com vários tipos humanos. Alguns desses contos foram publicados especialmente para as crianças da corte. São exemplos destas: A bela adormecida, A gata borralheira, Chapeuzinho vermelho entre outras. (Machado, 2002)

Um século depois, em 1802, os irmãos Grimm fizeram na Alemanha uma nova coletânea de contos, porém, com um intuito diferente do francês. Eles queriam preservar a cultura alemã, e tornar as histórias mais acessíveis à população. Os irmãos e pesquisadores tornaram os contos muito próximos da linguagem oral, contada pelo povo há séculos, e ajudaram a trazer até os dias atuais contos como, Branca de Neve, Os músicos de Bremem, João e Maria entre outros. (Machado, 2002)

Ainda de acordo com a mesma autora, décadas depois, o dinamarquês, Hans Christian Andersen surge com um grande diferencial para as histórias infantis. Andersen não apenas recontou as histórias passadas pelo povo, mas criou novas. Com uma linguagem poética e peculiarmente melancólica, o escritor criou histórias como O Patinho Feio, A Pequena Sereia, Soldadinho de Chumbo e outras lidas e relidas até os dias de hoje.

Acrescentando a respeito de Andersen:

"A grande originalidade dele foi inventar contos, histórias e novelas com aspectos importantes para a vida das crianças e dos jovens. Ele trouxe situações do universo das crianças para os contos de fadas, como as brincadeiras, os jogos, os sentimentos. Além de criar suas próprias histórias, Andersen recontava casos e contos que ouvia por onde viajava". (PARREIRA, 2010, p.81).

Esse processo abriu novos caminhos para outros escritores, e novas histórias, tornando uma importante contribuição à aprendizagem através das fantasias.

Baseado nos saberes de Lia Cupertino Duarte Albino (2013), podemos apontar que no

Brasil, os primeiros livros para crianças começaram a ser publicados em 1808 pela editora Imprensa Régia Brasileira, uma filial de Lisboa, implantada em função da chegada da família real ao Brasil. Porém, a literatura infantil brasileira teve início apenas no término do século XIX e mesmo assim, o uso dos livros no país era de pouca estabilidade.

Com o novo modelo criado pela sociedade, de um país em processo de modernização, o saber que era adquirido através da leitura, passou a ter papel fundamental na atual sociedade emergente.

Os livros infantis e escolares ganharam espaço após os movimentos de alfabetização desencadeados por nomes da alta sociedade, abrindo espaço assim, para o público infantil.

Após essa abertura, a preocupação volta-se para a falta de material destinado às crianças no país. Nesse período, elas somente contavam com as adaptações e traduções dos clássicos infantis europeus, sendo que muitos deles eram publicados em edições portuguesas diferenciando-se da língua materna utilizada no Brasil.

No final do século XIX, após as transformações que o Brasil passava, começaram a aparecer os primeiros livros escritos por brasileiros, porém a literatura infantil brasileira teve seu início concreto com Monteiro Lobato.

Em 1920, Monteiro Lobato publicou Narizinho Arrebitado, sua primeira obra infantil que deu origem a famosa Narizinho do Sítio do Pica-pau Amarelo. Para muitos, ele é considerado precursor da literatura infantil brasileira. Grande parte de suas obras foram voltadas para o público infantil.

Monteiro Lobato mostrou um universo de histórias diferenciadas para as crianças, tendo como temas que mostram a relação com a natureza, à brasilidade através da linguagem num contexto infantil, sendo fortificado pelo folclore. (Carvalho, 1982). Sendo Monteiro Lobato um nacionalista convicto, através de sua arte criou personagens que resgatavam a cultura brasileira como lendas do folclore. Propunha uma nova forma de literatura, fazendo uso de novas expressões e palavras, imitação de sons, provocando seus leitores a utilizarem o senso crítico com suas obras.

Podemos destacar outros famosos autores brasileiros de literatura infantil como: Ziraldo, Maurício de Sousa, Ana Maria Machado, Vinícius de Moraes, Ruth Rocha, Tatiana Belink, Cecília Meireles, Pedro Bandeira, Maria Clara Machado. Outro campo importante dentro da contação de histórias e contos é o da psicanálise dos contos de fadas, nesta área destaco principalmente Bruno Bettelheim, e o seu livro A Psicanálise dos Contos de Fadas e Celso Gutfreind,

que realiza pesquisas importantes nessa área.

Como toda grande arte, os contos de fadas tanto agradam como instruem; sua genialidade especial é que eles o fazem em termos que falam diretamente às crianças. Na idade em que estas estó-rias são mais significativas para a criança, seu problema principal é colocar alguma ordem no caos interno de sua mente de modo a poder-se entender melhor - uma preliminar necessária para adquirir alguma congruência entre suas percepções e o mundo externo. (BETTELHEIM, 2002, p.56).

2.1 BENEFÍCIOS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E CONTOS DE FADAS PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Ao contarmos histórias para as crianças, proporcionamos momentos de prazer e reflexão em meio aos problemas e dificuldades de seu dia a dia.

A autora Ana Maria Machado (2002) diz que a leitura é capaz de nos transportar para outro universo, onde passamos fazer parte da vida de outro personagem, alguém que não pertence à correria do dia a dia de nossas vidas.

O Era uma vez levanta a cortina de um mundo novo que, se escapa à realidade imediata, suscita em troca de uma realidade simbólica dotada de uma intensidade tal que as reações que nela se dão podem tornar um matiz às vezes fascinante. (COELHO, 1999, p.53).

A leitura de um livro não é apenas ler frases, e textos escritos, é um momento mágico. As histórias proporcionam meios para que de forma lúdica a criança entre em um mundo encantado, trazendo e expondo de maneira concreta sentimentos até então subjetivos dentro de si.

Para além do discurso poético, falar de literatura pressupõe recorrer à ficção. (...) Através da ficção, penetramos no patamar da subjetividade (A visão de um mundo pessoal e singular), da analogia, da intuição, do imaginário, e da fantasia. (AZEVEDO, 2004, p. 40).

De maneira geral, quando ouvimos uma história, a entendemos de um modo pessoal e individual, que depende das nossas vivências, e experiências pessoais, de acordo com nosso mundo e maturidade.

Em se tratando do mundo infantil, segundo a autora Valotto (1997), as histórias "são meios de ampliar o horizonte da criança e de aumentar seu conhecimento em relação ao mundo que a cerca".

Ainda conforme a autora, ao lermos uma história para uma criança, trabalhamos e incentivamos vários fatores do universo infantil. A criança ao ouvir uma história, tem a sua capacidade reflexiva e criativa estimulada, além aumentar sua vontade de propagar as histórias e dar vida aos personagens.

Nesse pacote de aprendizagem, a criança memoriza ao seu modo a história, passando a sentir o desejo de contá-las, criando uma encantadora teia de saberes, comunicação e consequentemente aumento de seu vocabulário.

As histórias além de distrair, e ser algo prazeroso em meio à rotina e as tensões emocionais do dia a dia, também podem ser um fator importante na formação moral da criança, uma vez que as mesmas observam os valores passados pelos personagens e os analisa conforme a realidade vivida.

Aplicando o modelo psicanalítico da personalidade humana, os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, a pré-consciente, e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, estas estórias falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento, enquanto ao mesmo tempo aliviam pressões pré- conscientes e inconscientes. À medida que as estórias se desenrolam, dão validade e corpo às pressões do id, mostrando caminhos para satisfazê-las, que estão de acordo com as requisições do ego e do superego. (BETTELHEIM, 1980, p.14).

Através das palavras de Cavalcante (2002), podemos dizer que identificamos facilmente a importância da contação de histórias em qualquer lugar que haja uma criança. Logo, encontramos uma que peça que contemos uma história.

Para essa arte, não há tempo, espaço ou cultura que desvaneça seu poder de levar uma criança a viajar em sua imaginação, que a leve ao encantamento e ao mundo dos sonhos. Neste sentido, é importante também deixar a criança falar antes da narração ou contação de histórias, isto possibilita conhecê-la melhor e também a prepara e a acalma para as emoções que este momento proporciona.

Antes de narrar à história deve-se abrir espaço para uma boa conversa. Por exemplo, se a história gira em torno de animais domésticos e começa-se diretamente, os ouvintes poderão interromper dizendo: eu também tenho um gato, um cachorro, um passarinho, o que for. (COELHO, 1999, p.47).

Apesar de muitas vezes a contação de uma história possa parecer despretensiosa, no fundo ela traz uma inserção de valores que influenciará na formação e desenvolvimento da criança. Com essas bases a criança tem a capacidade de desenvolver seus recursos interiores para que possa transcender seus limites de uma existência autocentrada obtendo assim, uma contribuição significativa para a vida e deste modo, sentir satisfação consigo mesmo e com que irá se tornar. GUTFREIND (2004) diz que: "Imaginando, ela pode brincar com temas próprios de sua realidade psíquica, por vezes difícil, como o amor, a morte, o medo, a rivalidade fraterna, a separação e o abandono".

Neste sentido, o professor deve se ater também para os benefícios dos contos, e através deles BETTELHEIM (2002, p. 07) diz que:

É característico dos contos de fadas colocar um dilema existencial de forma breve e categórica. Isto permite a criança aprender o problema em sua forma mais essencial, onde uma trama mais complexa confudiria o assunto para ela. O conto de fadas simplifica todas as situações. Suas figuras são esboçadas claramente; e detalhes, a menos que muito importantes, são eliminados. Todos os personagens são mais típicos do que únicos.

Os contos de fadas simplificam todas as situações e a fantasia facilita a compreensão das crianças, pois se aproxima mais da maneira como veem o mundo; já que ainda são incapazes de compreender respostas realistas. Os contos ainda ajudam na construção e no desenvolvimento da subjetividade humana e ajuda a criança a pensar, a verbalizar, através da habilidade de contar- se e perguntar.

2.2 A PRÁTICA PEDAGÓGICA E OS CONTOS DE FADA DENTRO DO AMBIENTE ESCOLAR

Sob a visão de Cavalcanti (2002), pode-

mos extrair de suas palavras que o ambiente escolar tem sido cada vez mais um espaço propício para a prática de contar histórias, pois através do vínculo de afeto existente entre professor e aluno, o acesso a ao mundo da leitura será algo natural.

O bom contador de histórias conhece a sua história de cor e salteado. Tem linguagem acessível às suas crianças e escolhe suas histórias levando em conta a faixa etária que pretende atender. Já que contar e ouvir histórias é um momento especial, o contador de histórias modifica o ambiente físico da sala, tornando-o mais acolhedor e propiciando um contato mais próximo com as crianças. Sua voz tem sempre a sonorização, a emoção de cada personagem. Para que um trabalho cercado de cuidados não se perca, é necessário que haja bastante cuidado com o espaço de tempo no qual se contará a história, para que a criança mantenha seu interesse na atividade desenvolvida, evitando projetar sua atenção a outras situações. (BARRETO, 2003, p. 4).

A escola deve promover o estímulo ao saber, à criatividade, formação e desenvolvimento, à inserção de valores e preparar cidadãos aptos para o convívio em sociedade.

Ao trabalharmos com histórias na educação infantil, além de dar suporte para que as crianças observem a importância da leitura, dando uma função a ela, abrimos espaço para a curiosidade de desvendar novas histórias. Mediamos uma atividade importante para que suas vivências e emoções sejam exploradas por meio da oralidade. Criamos vínculos afetivos e damos liberdade para novas formas de aprendizagem, aguçando a curiosidade das mesmas para novos repertórios.

A outra coisa muito prazerosa que encontramos num bom livro é o prazer de decifração, de exploração daquilo que é tão novo e parece difícil e, por isso mesmo, oferece obstáculos e atrai com intensidade. Como quem se apaixona. É uma delícia irresistível: ir se deixando fascinar, se permitindo ser conquistado por aquelas palavras e ideias, tentando ao mesmo tempo conquistar e vencer dificuldades da leitura. (MACHADO, 2002, p.21).

É importante o educador criar uma consciência acerca de que, na educação infantil, e na formação de um cidadão leitor, a leitura deve ser algo que proporcione prazer, ou seja, ao ouvirmos uma história com intuito de sermos questionados sobre o que entendemos, ou sabemos sobre a mesma torna-se um fardo, algo obrigatório. Porém ao sermos questionados de maneira leve e natural, acabamos por meio espontâneo aprendendo coisas novas, refletindo, e dividindo experiências uns com os outros.

[...] a leitura não deveria ser encarada como uma obrigação escolar, nem deveria ser selecionada, vamos dizer, na base do que ela tem de ensinamento, do que ela tem de 'mensagem'. A leitura deveria ser posta na escola como educação artística, ela devia ser posta na escola como uma atividade e não como uma lição, como uma aula, como uma tarefa. O texto não devia ser usado, por exemplo, para a aula de gramática, a não ser que fosse de uma maneira muito criativa, muito viva, muito engraçada, muito interessante, porque se assim não for faz com que a leitura fique parecendo uma obrigação, fique parecendo uma tarefa e aquela velha frase de Monteiro Lobato – 'É capaz de vacinar a criança contra a leitura para sempre'. (ROCHA 1983, p. 4).

Azevedo (2004) nos ilustra a respeito da formação de leitores nos afirmando que um pressuposto essencial para a formação de um leitor é que exista uma forte ligação entre a pessoa que lê e o texto, onde ambas acabam se tornando um único, havendo a partir daí uma grande identificação, prazer em ler e interpretar.

Por meio de histórias, adultos podem conversar com crianças sobre o que é importante em suas vidas, sobre questões que vão do medo do abandono e da morte a fantasias de vingança e triunfos que levam a finais "felizes para sempre". Enquanto olham figuras, leem episódios viram páginas, adultos e crianças podem estabelecer o que a crítica cultural Ellen Handler-Spitz chama "leitura interativa", diálogos que ponderam os efeitos da história e oferecem orientação para o pensamento sobre assuntos similares do mundo real. Esse tipo de leitura pode assumir muitas feições diferentes: séria, brincalhona, meditativa, didática, empática ou intelectual. (TATAR, 2004, p.12).

Partindo de que a leitura é importante na formação intelectual e pessoal da criança, podemos dizer que a escola é indispensável na apresentação e mediação da mesma ao universo da contação de histórias, dos contos de fadas e da leitura em si. Afinal, muitas têm contato e acesso aos livros a partir do momento que tem sua vida escolar iniciada. JUNQUEIRA, 2004, p.63 diz que: "na leitura, por meio dos sentidos, a criança é atraída pela curiosidade, pelo formato, pelo manuseio fácil e pelas pos-

sibilidades emotivas que o livro pode conter".

O contato e a apresentação de livros, e a contação de histórias diárias é uma necessidade de que quanto antes iniciada mais benefícios trazem ao longo prazo. Em contrapartida, sabemos que a falta desse contato poderá gerar problemas ou dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita.

Diariamente os educadores sofrem com a grande relutância dos alunos para leitura. Esse fato dificulta a aprendizagem no momento da realização das atividades em sala, principalmente as que necessitam de uma maior autonomia com relação à leitura e escrita.

Segundo JUNQUEIRA (2004), o contato com o livro estimula a criança "a descobrir e aprimorar a linguagem, desenvolvendo sua capacidade de comunicação com o mundo".

Portanto, o ato de ler uma história, ou até mesmo proporcionar o contato da criança com o livro, incentiva a leitura, estimula a curiosidade aumentando, assim, a capacidade reflexiva, oral e consequentemente, melhora a aprendizagem no momento da leitura e escrita.

A autora diz ainda:

Esses primeiros contatos despertam na criança o desejo de concretizar o ato de ler o texto escrito, facilitando o processo de alfabetização. A possibilidade de que essa experiência sensorial ocorra será maior, quanto mais frequente for o contato da criança com o livro. (JUNQUEIRA, 2004, p. 63).

Para prevenção desses problemas é importante o educador inserir a leitura diária na educação infantil, além de apaixonar-se pela leitura com os alunos.

O desafio do professor ante o ensino-aprendizagem nessa fase é perceber que o lúdico, a imaginação é a porta de entrada para uma aprendizagem efetiva e real.

Através de uma história inventada e de personagens que nunca existiram é possível levantar e discutir, de modo prazeroso e lúdico, assuntos humanos relevantes, muitos deles, aliás, geralmente evitados (...). (JUNQUEIRA, 2004, p.28).

Esses assuntos evitados no dia a dia, e abordados nas histórias, são extremamente importantes para formação do indivíduo. As dificuldades de entender o outro, a morte, o bem e o mal, e ainda os vários pontos de vista sobre o mesmo assunto, são emoções humanas muitas vezes não entendida pelas crianças.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (BETTELHEIM 2002, p. 12).

Segundo os estudos do médico, filósofo e psicólogo Henri Wallon, "a afetividade seria a primeira forma de interação com o meio ambiente e a motivação primeira do movimento" (Wikipédia), portanto, as crianças aprendem através do afeto e das emoções, e a escola deve estar preparada para entrar em seu mundo criando condições para que a educação infantil seja uma base sólida na vida do indivíduo.

Espelhando-se na fala de Ninfa (2010, p.84), "a exploração da leitura dos contos de fadas costuma tocar nos nossos afetos, nas nossas emoções e formas de nos relacionarmos com as pessoas".

Diante disso, podemos enfatizar que os contos de fadas atuam no interior de cada criança, trabalhando com sentimentos recônditos que promovem o amadurecimento da mesma, como por exemplo, que ela reconheça sua identidade através da familiaridade que possa ter com as características das histórias ou personagens.

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade - e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. (BETTELHEIM, 2002, p.5).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração que a contação de histórias tem suas raízes fincadas no início da história da humanidade, podemos concluir que a realização desses momentos é de suma importância para a preservação de nossa cultura e identidade.

A arte da imaginação leva uma criança a um universo cheio de possibilidades e descobertas, daí a importância de um olhar mais atento à prática da contação de histórias, principalmente na infância, onde tudo o que se aprende é determinante na construção de valores e saberes adquiridos.

Dentro deste contexto sabemos que os contos de fadas e a contação de histórias são utilizados há bastante tempo nas escolas como instrumento pedagógico, mas, na maioria das vezes, ele é substituído por outras formas de leitura, onde a escola visa uma educação padronizada, engessada, que dá preferência as histórias mais curtas e cheias de ilustrações, com a teoria de que as crianças hoje em dia não têm mais paciência para histórias mais longas e profundas. Levando isto em consideração, a prática pedagógica do professor deve vir de encontro com a temática apresentada considerando os contos de fadas e a contação como meio de se alcançar os objetivos propostos em relação à aprendizagem do aluno, bem como o desenvolvimento de sua criatividade e imaginação.

Ao mesmo tempo em que divertem, os contos de fadas ensinam. Não um saber institucionalizado, mas uma sabedoria de vida: eles ajudam as crianças e os adultos a perceberem o mundo e prestam-se como suportes metafóricos para uma construção simbólica desse mundo. Dessa forma, os contos de fadas podem ser considerados um rico instrumento pedagógico que, além de prazeroso, auxilia no processo de simbolização. (RANDINO, 2001).

Assim sendo, cabe ressaltar que os contos de fadas, diferente de outros tipos de histórias possuem características que ajudam as crianças a identificar seus conflitos por se tratar de narrativas que contêm personagens com características mais típicas do seu cotidiano. Outro ponto importante é que a maior parte dos contos os personagens não têm nomes e quando possuem os nomes são bastante comuns, como João e Maria, facilitando a comparação. Desta maneira, através dos contos de fadas é possível trabalhar conflitos existenciais extremamente pesados para as crianças, como a morte e/ou a separação de forma positiva.

As estórias 'fora de perigo' não mencionam nem a morte nem o envelhecimento, os limites de nossa existência, nem o desejo pela vida eterna. O conto de fadas, em contraste, confronta a criança honestamente com os predicamentos humanos básicos (BETTELHEIM, 1980: p.15).

É importante considerar também que o grande mérito da contação de histórias e dos contos de fadas é a possibilidade que eles fornecem para os pais interagirem com seus filhos. Neste caso, ele pode ser usado na hora de dormir, ou em qualquer momento em que o adulto esteja interagindo com a criança. Por isso, a prática de contar histórias quando utilizada com frequência, não beneficia somente a criança, mas também o adulto, que poderá relembrar momentos da infância, que com certeza vivenciou em algum momento um adulto lhe contar histórias reais ou de contos de fadas.

No entanto, como em qualquer área do conhecimento humano é importante que a pessoa que irá contar a história, seja ela professor (a) ou não busque se aperfeiçoar, realizando cursos, participando de atividades de contação de histórias, entre outros. Assim sendo, o "contador" cada vez mais sentirá segurança no que está fazendo e encontrará a melhor forma de atingir a criança proporcionando assim os benefícios de ouvir histórias, como fortalecer vínculos, acelerar o processo de ensino aprendizagem, ajudar na resolução de conflitos internos etc.

Portanto, o momento de contação de história deve abrir para a criança novos horizontes e oferecer momentos de prazer. É preciso que a família e a escola estejam engajadas na atribuição de oferecer as crianças momentos de sonhos, fantasias, magia e encantamento, onde o medo e a dor são passageiros, onde as casas são feitas de doces e os pés de feijão rompem o céu azul.

REFERÊNCIAS

ALBINO, Lia Cupertino Duarte. A literatura infantil no Brasil: origem, tendências e ensino. Disponível em: https://docplayer.com.br/8682229-A- literatura-infantil-no-brasil-origem-tendencias-e-ensino.html. > Acesso em 10/01/2019